

Boletim

Nº 2.040 - Ano 45 - 12 de novembro de 2018

ENVELHECER É VIVER

Lançado neste ano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, o programa Envelhecimento Ativo amplia as ações do projeto Educação Física para a Terceira Idade, existente há 25 anos. A iniciativa leva em conta as mudanças no perfil etário da população brasileira.

Página 5

Tese investiga práticas e saberes de mulheres Maxakali

Página 8



Sessão de ginástica multifuncional na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

MEMÓRIA em meio às CHAMAS

Leonardo Cruz de Souza *

No princípio era o verde, e o verde estava com o humano, e o humano estava no verde. O humano estava no princípio com o verde. A vida e a morte estavam no verde, e o humano lutava para que a morte não prevalecesse sobre a vida.

E, no esplendor do verde das montanhas e matas, no frescor das águas cristalinas, Luzia apanhava frutos, caçava, alimentava-se e dormia, juntamente com outros caçadores-coletores. Ali viveu e morreu, ainda jovem, tombando seu corpo onde, milhares de anos depois, seria encontrada por arqueólogos e levada ao Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para ser estudada e admirada como o esqueleto humano mais antigo já descoberto nas Américas.

Além do inestimável valor arqueológico, o fóssil de Luzia e sua trajetória trazem em si simbolismos aos quais não devemos passar incólumes. “Se calhar, tudo é símbolos”, escreveu Fernando Pessoa. Os simbolismos importam, especialmente nos estranhos dias que correm. Atentemos, pois, às mortes de Luzia.

A primeira delas se deu em uma natureza pródiga, mas plena de perigos. E talvez tenha sido a um desses perigos – uma fera faminta, uma doença fulminante, um acidente em um penhasco – que Luzia tenha sucumbido. Mas o perigo, desde priscas eras, nem sempre vem nas asas da enfermidade fortuita nem do animal selvagem: pode vir dos nossos semelhantes.

Semelhantes, mas distintos, como no romance *Os herdeiros*, do escritor inglês William Golding (1911-1993). Ali, também no alvorecer da espécie humana e em meio ao esplendor luxuriante do verde, um grupo de caçadores-coletores apanhava frutos, caçava, dormia e morria de acidentes evitáveis e de enfermidades casuais. Essa era a vida de Lok, Tanakil, Fa, Liku e Tuami, personagens do livro. Até que uma nova horda humana

surge, violenta e brutal, matando, um a um, os membros do grupo de Lok. Talvez tenha também matado Luzia, em uma sórdida emboscada na floresta.

O poder dizimador da insensatez e da violência inerentes à natureza humana, incrustado no âmago do humano, perpassa a obra do Nobel de Literatura de 1983. Como em *O senhor das moscas* (1954), Golding, em *Os herdeiros* (1955), expõe cruamente a instintiva pulsão de morte que nos domina. Ele sabia do que escrevia: ele se confrontou diretamente com o ódio assassino, em todo seu furor violento e colérico, ao combater o totalitarismo na Segunda Guerra Mundial, quando lutou pela Marinha britânica. Golding participou de algumas das mais épicas batalhas da Segunda Guerra, como a caça ao encouraçado germânico *Bismarck* e o desembarque do Dia D, na Normandia. Ele viu, olhos nos olhos, o ímpeto morticida. Lok e seu grupo têm de fazer frente a essa violência letal, como talvez Luzia e seus companheiros – que aqui chamaremos de Aline, Ana, Dolores, Hugo e Luciano – também o fizeram, tentando salvaguardar a joia do humano em meio à intolerância, à ferocidade, à tortura. O fóssil de Luzia pode ser o fóssil das pérolas humanas que ali foram derrotadas: a liberdade, o altruísmo, o respeito, a beleza da diversidade da experiência humana.

A segunda morte de Luzia, nós sabemos, foi provocada pelas chamas. O incêndio do Museu Nacional é o fogo do descaso e da bestialidade, é o fogo que consome o humano. A tragédia flamejante do Museu Nacional foi alimentada por uma malta corrupta e obtusa, que atacou o Museu com a mais vil das armas, o vazio cáustico da desmemória, como diz o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, da UFRJ: “O Brasil é um país onde governar é criar desertos. Desertos naturais, no espaço, com a devastação do cerrado, da Amazônia. Destrói-se a natureza e agora está se destruindo a cultura, criando-se desertos

no tempo”. O fogo que arrasa o verde é o mesmo que aniquila a memória. O patrimônio da memória humana, dizimado pelas labaredas que arrasaram um magnífico prédio histórico da UFRJ, é o emblema do ataque a um dos papéis precípuos da universidade pública brasileira: ao ser espaço de conhecimento e de ciência crítica, a universidade é o templo da preservação da memória do que nos faz humanos, do que nos faz gente.

Há, no entanto, outro simbolismo na trajetória de Luzia. Depois da sua segunda morte, seu fóssil foi reencontrado e resgatado em meio aos escombros e às cinzas do Museu Nacional. A memória do humano resistiu ao fogo da barbárie, do aniquilamento e da desmemória. Esse é o maior e mais inspirador dos símbolos.

“Agora é como o tempo em que o fogo saiu voando e devorando as árvores”, constata Lok, assustado. Sim, um novo fogo virá, voando, trazendo novos e velhos medos, ameaçando Loks e Luzias, chamejando a universidade, calcinando o verde que existe desde o princípio dos tempos. Virá insuflado pelo novo-velho combustível integralista, feito do amálgama peçonhento de fundamentalismo religioso, patriotismo vulgar, moralismo de ocasião, revisionismo histórico, mitomania e desprezo iracundo contra tudo que é diferente, contra quem é mais fraco. Abatidos, mas não vencidos; queimados, mas não aniquilados; combalidos, mas não derrotados, preservaremos a memória que precisa ser preservada. Que venha o fogo e suas chamas: aqui nós estamos, aqui permaneceremos.

* Médico neurologista, doutor em Neurociências pela Université Paris 6. Professor adjunto do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

A hora e a vez das **HABILIDADES**

Sete cursos de graduação selecionam alunos por meio de provas específicas que complementam a nota do Enem

Ana Rita Araújo

Estão abertas, até 14 de dezembro, as inscrições para o Vestibular de Habilidades, que funciona como segunda etapa na seleção dos candidatos aos cursos de Artes Visuais, Cinema de Animação e Artes Digitais, Dança/licenciatura, Design de Moda, Música/bacharelado, Música/licenciatura e Teatro. O candidato deve, obrigatoriamente, ter realizado o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em 2018.

As inscrições devem ser feitas exclusivamente pela internet (www.ufmg.br/copeve) até as 17h (horário oficial de Brasília) do dia 14 de dezembro. A inscrição será confirmada na página eletrônica da Comissão Permanente do Vestibular (Copeve) até três dias úteis após a efetivação do pagamento do boleto bancário, no valor de R\$ 205.

“É fundamental que os candidatos estejam atentos às datas e façam a inscrição também no Vestibular de Habilidades, uma vez que esses cursos têm processo de seleção específico, ou seja, não estão incluídos no Sistema de Seleção Unificada (Sisu)”, alerta o coordenador da Copeve, professor Dario Windmöller.

As provas do Vestibular de Habilidades serão realizadas em Belo Horizonte, de 5 a 7 de fevereiro de 2019. Para concorrer à reserva de vagas, candidatos com deficiência vão passar por perícia no dia 9 de janeiro, em horário que será divulgado a partir do dia 7 daquele mês. As normas do concurso estão publicadas em edital no site da Copeve.

Segunda etapa

As notas obtidas nas provas específicas constituem a segunda etapa do Vestibular de Habilidades dos sete cursos que, juntos, oferecem 331 vagas, 251 delas com entrada no primeiro semestre letivo e 80 com entrada no segundo. Desse total, 169 vagas são reservadas, e 162, oferecidas na modalidade de ampla concorrência. A soma das notas das quatro provas específicas do Enem configura-se como a nota da primeira etapa, eliminatória, para a seleção de candidatos para esses cursos.

A segunda etapa, de caráter classificatório e eliminatório, é composta de testes específicos e da prova de redação do Enem 2018 – esta, de inteira responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), do Ministério de Educação (MEC).

As vagas reservadas destinam-se aos candidatos que cursaram integralmente o ensino médio em escola pública brasileira, divididos em dois grupos principais: um com renda inferior a 1,5 salário-mínimo e outro com renda superior a esse patamar. Esses dois grupos se subdividem em quatro outros grupos, atendendo às condições de deficiência e a critérios étnico-sociais.

Provas

Os horários e locais de realização das provas serão especificados no comprovante definitivo de inscrição, que estará disponível na página da Copeve a partir de 31 de janeiro.

Os candidatos aos cursos de Artes Visuais, Cinema de Animação e Artes Digitais e Design de Moda fazem a prova de percepção visual. Para o curso de Dança, são aplicadas provas de habilidade



Marina Gontijo | UFMG

Candidata em performance com flauta no Vestibular de Habilidades

corporal de dança e solo de dança. Os candidatos de Teatro fazem provas de atuação e de audição didática coletiva.

O bacharelado em Artes Visuais oferece habilitações em artes gráficas, desenho, escultura, gravura e pintura. O bacharelado em Música habilita para canto, composição, instrumentos de sopro, corda e percussão, regência, música popular e musicoterapia.

Os candidatos ao curso de Música farão provas específicas de acordo com as modalidades oferecidas: Música/bacharelado (exceto musicoterapia), provas de teoria e percepção musical e prova prática de música; Música/bacharelado (musicoterapia, prova prática de música); Música/licenciatura, apenas a prova de teoria e percepção musical.

Para o curso de Música, o candidato deverá observar, ainda, orientações específicas: se escolher o bacharelado deverá indicar, também, a habilitação que pretende cursar; se optar por bacharelado, nas habilitações composição, música popular, musicoterapia ou regência, deverá indicar, também, o instrumento que vai utilizar na prova prática de música, bem como se vai levar instrumentista acompanhador.

Curso técnico e Sisu

Para concorrer a vagas nos outros cursos de graduação da UFMG, em 2019, os candidatos devem fazer a prova do Enem 2018 e, posteriormente, efetuar sua inscrição no Sisu 2019. O cronograma será publicado em edital e disponibilizado nas páginas do MEC e do Sisu UFMG.

Além da graduação em Teatro, a UFMG também oferece curso técnico em Teatro, cujo processo de seleção não está incluído no Vestibular de Habilidades. As inscrições para esse curso encerraram-se em outubro, e os candidatos inscritos devem baixar o comprovante de inscrição definitivo, na página da Copeve, a partir desta quarta-feira, 14 de novembro. As provas de primeira etapa estão previstas para o próximo dia 20, e as de segunda etapa, para os dias 25 e 26 deste mês. Mais informações sobre o curso técnico estão disponíveis no edital (<https://bit.ly/2z3BW7Z>).

Agente **NEGLIGENCIADO**

Retrovírus da família do HIV/Aids, o HTLV pode causar leucemia/linfoma e mielopatia; UFMG pesquisa o assunto e atende pacientes e familiares

Itamar Rigueira Jr.

Pesquisadores do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e da Faculdade de Medicina dedicam-se, há mais de duas décadas, a investigar a ação do HTLV, retrovírus da família do HIV/Aids. O HTLV-1 pode causar doença neurodegenerativa/desmielinizante e leucemia/linfoma, e o HTLV-2, embora tenha em geral consequências bem menos graves, pode induzir a síndrome desmielinizante (doença que provoca fraqueza nas pernas, acarretando dificuldade para andar e podendo levar à paralisia). No último sábado, 10 de novembro, Dia Mundial do HTLV, o campus Saúde abrigou atividades com o intuito de chamar a atenção para o vírus, ainda muito pouco conhecido, mesmo na comunidade médica.

Em suas duas formas, o vírus infecta células do sistema imune e pode ser transmitido pela amamentação, transfusão de sangue, transplante de órgãos e uso de drogas ilegais injetáveis. Como há pouca informação, geralmente suas consequências não são tratadas desde o início, o que impede medidas mais eficazes para atenuar o sofrimento dos pacientes.

A UFMG integra o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em HTLV, do qual fazem parte também a Fundação Hemominas, Fiocruz, Hospital Eduardo de Menezes e Rede Sarah. Virologistas, biólogos, neurologistas, dermatologistas e outros profissionais e pesquisadores estudam dados epidemiológicos, buscam marcadores de diagnóstico e prognóstico e investigam a interação do

vírus com as mulheres – elas são infectadas por homens mais facilmente que o contrário e adoecem muito mais que eles.

Além de teses e dissertações, os estudos da UFMG já geraram patente de teste diagnóstico, com financiamento do SUS, que está sendo licenciada para empresa mineira. Ainda neste ano, deverá ser patenteada uma vacina terapêutica. A ação do HTLV, assim como acontece com o HIV, ainda não pode ser evitada, mas medicações paliativas e fisioterapia têm sido desenvolvidas contra alguns sintomas.

De célula para célula

O retrovírus foi descrito em 1977, depois de isolado no Japão. Segundo a professora Edel Barbosa Stancioli, coordenadora do Laboratório de Virologia Básica e Aplicada do ICB, os retrovírus têm forma peculiar de interagir com o hospedeiro. “Eles inserem seu genoma no genoma da célula hospedeira, e a infecção é para o resto da vida”, diz Edel.

Enquanto o HIV circula no sangue e se multiplica quando a imunidade baixa, o HTLV não cai na corrente sanguínea, mas passa de uma célula a outra. “O HIV é tratado quando está em grande quantidade, e o HTLV não tem tratamento. Nós, na UFMG, e outros grupos testamos produtos naturais que possibilitam pequena melhora do sistema imune, mas ainda não há como bloquear o vírus”, explica a professora do ICB.

O HTLV-1 circula mais na África, América Latina e em países como Japão, China e Austrália. A prevalência é mais alta no Japão, mas o Brasil lidera em números absolutos. Estima-se que haja entre cinco e dez milhões de infectados no mundo, e no Brasil seriam 2,5 milhões. “Como há muito pouca informação sobre o vírus, esses números são obtidos por projeções matemáticas”, diz Edel Stancioli.

Edel informa que apenas 5% dos infectados desenvolvem um

dos dois polos principais de doenças – leucemia/linfoma das células T de adulto e a mielopatia associada ao HTLV, em que o vírus ataca a medula. Mas ressalva que há intercorrências de adoecimento graves, como uma dermatite difícil de tratar. O HTLV-2, por sua vez, infecta cerca de 200 mil pessoas no Brasil, e os grupos mais atingidos são os indígenas e usuários de drogas injetáveis.

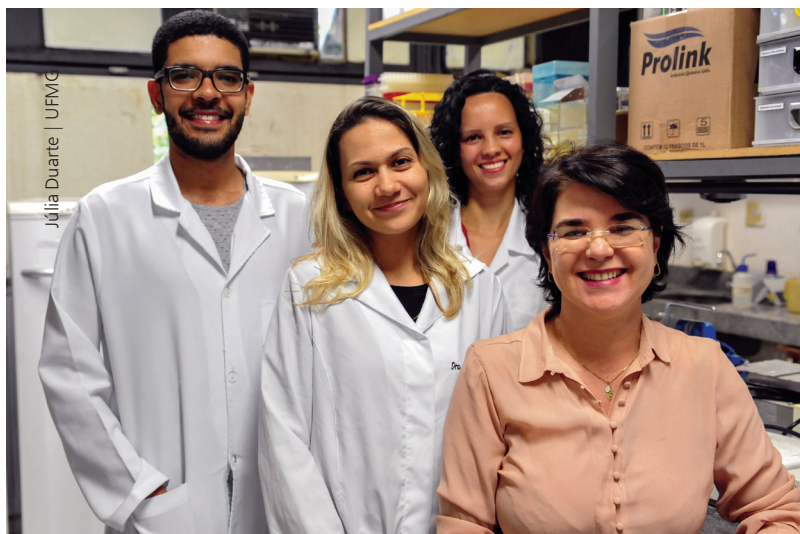
Ambulatório

Também há mais de 20 anos, o HTLV é tema de estudos no âmbito da pós-graduação em Infectologia e Medicina Tropical, da Faculdade de Medicina da UFMG, sob coordenação de Denise Utsch Gonçalves. E desde abril deste ano, o projeto de extensão Cuidar HTLV oferece assistência e educação em saúde a pacientes e familiares, no Centro de Tratamento e Referência em Doenças Infectocontagiosas Orestes Diniz. “Os pacientes trazem suas dúvidas e dificuldades e se encontram com certa frequência, o que favorece a identidade de grupo e o aprendizado”, conta a infectologista e professora Julia Caporali, que coordena o projeto.

Os pacientes assintomáticos recebem orientações relacionadas à prevenção e apoio para proteção contra o estigma. As pessoas que apresentam a mielite associada ao HTLV – que causa problemas motores, retenção urinária e intestinal e dores nas costas e membros, entre outros problemas – recebem os cuidados específicos no próprio ambulatório. E os que desenvolveram leucemia ou linfoma são encaminhados para o Hospital das Clínicas da UFMG.

Força-tarefa

De acordo com Edel Stancioli, nem a Organização Mundial de Saúde (OMS) lida com o HTLV da forma como deveria. “Não se conhecem números, há pouquíssimos ambulatórios, e os testes diagnósticos ainda são importados. Os sintomas causam sofrimento e péssima qualidade de vida”, sustenta. Boa notícia é que, há cerca de quatro anos, entrou em ação uma força-tarefa mundial que persegue metas como a expansão do conhecimento sobre prevalência, produção de testes diagnósticos em cada país – como forma de reduzir custos – e a produção de vacinas destinadas a bloquear a progressão do vírus nas pessoas infectadas.



Edel Stancioli com integrantes da equipe que pesquisa o HTLV



Sessão de ginástica multifuncional do Programa Envelhecimento Ativo: estímulo aos aspectos biológicos, psicológicos e sociais

'Quero **VIVER** pra **VER** qual é'

Atento ao aumento da expectativa de vida da população brasileira, programa de extensão desenvolve atividades focadas no envelhecimento ativo

Iago Proença e Laryssa Campos*

"A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer"

Verso da música *Envelhecer*, de Arnaldo Antunes

Antes mesmo de se aposentar, Telma Kalil de Campos Alves Costa, de 67 anos, incluiu as aulas de dança de salão em seu horizonte de vida. "Amo dançar, pois é energia o tempo todo. Estabeleci alguns propósitos depois que parei de trabalhar. Primeiro, eu desacelerei em relação às atividades que sempre fiz, e não tenho mais horário para levantar e para pegar o ônibus. Você até pode me dizer que aqui também tem horário, mas a diferença é que é algo prazeroso", comenta.

Sandra Cristina Rocha, 59 anos, participa de sessões de ginástica multifuncional, atividade que ajuda a combater os efeitos da Lesão por Esforço Repetitivo. "Eu vivia em médico ortopedista, reumatologista, fisioterapeuta e fisiatra. Aposentei-me por causa da L.E.R. Depois das atividades aqui eu não tive mais problema", revelou.

Com propósitos tão distintos, Telma e Sandra são frequentadoras do Programa Envelhecimento Ativo, nascido neste ano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO). A iniciativa amplia as ações do projeto Educação Física para a Terceira Idade, que existe há mais de 25 anos, e leva em consideração a própria transformação do perfil etário da população brasileira – de acordo com o IBGE, a população com mais de 60 anos vai dobrar de tamanho até 2060, atingindo 32% do total dos brasileiros. A de crianças de até 14 anos, por seu turno, representará apenas 15%.

"Com o aumento da expectativa de vida dos idosos, é desejável que a qualidade de vida acompanhe esse processo. O programa estimula a parte biológica, por meio da prática regular do exercício, o aspecto psicológico, tanto cognitivo quanto comportamental, e até a reinserção social, já que nessa fase a pessoa tem seus contatos sociais reduzidos", afirma o professor Franco Noce, coordenador do programa.

A iniciativa abre vagas no princípio de cada semestre para suas cinco modalidades: Educação Física para 3ª Idade, Inclusão Digital, Práticas Aquáticas, Ginástica Multifuncional e Dança e Qualidade de Vida. Elas são desenvolvidas de duas a três vezes por semana e atendem preferencialmente a pessoas acima de 45 anos. "No entanto, envelhecimento saudável pressupõe a adoção de hábitos adequados

desde a juventude. Por isso, as práticas aquática e multifuncional também são abertas a pessoas entre 18 e 45 anos", ressaltava Franco Noce. Para iniciar as atividades, é indispensável que o participante faça uma avaliação médica, a fim de reduzir riscos.

Os exercícios são realizados na EEFFTO, que reúne ambientes diversificados e integrados, como quadras, salas de judô e dança, piscina, laboratório de informática e ginásio.

Coração alegre

A vida de Eduardo Sérgio de Figueiredo, 66 anos, adquiriu novo sentido com a prática da ginástica coletiva. "Ganhei equilíbrio, capacidade mental, comunicação, união, amizade e tudo de bom que tem aqui. O programa é uma necessidade; quando não venho, faz falta", afirma.

Dona Vilma, também de 66 anos, revela que ganhou autonomia ao frequentar as aulas que a ensinam a usar aparelhos digitais. "Antes, eu morava com minhas filhas e sempre pedia: 'faz isso pra mim, faz aquilo pra mim'. Cada uma foi para um lugar, e eu fiquei sozinha; agora tenho de me virar. Hoje eu me sinto 30 anos mais jovem", diz.

Há 22 anos, Maria de Sousa Bonifácio, de 78, faz atividades físicas regulares. "Elas deixam meu coração mais alegre. Aconselho fazer [exercícios]. É importante demais para o envelhecimento, pois mexe com a mente e com o corpo." Cinco anos mais velha, Terezinha Josefina de Barros vê as atividades como um antídoto para a solidão. "Às vezes, pessoas de nossa faixa de idade ficam sozinhas em casa. Sair e arrumar amizades é muito bom", testemunha.

*Assessoria de Comunicação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Contatos: 3409-7440 e programaenvelhecimentoativo@gmail.com

Informações: <http://www.envelhecimentoativoufmg.com.br/>

Nas **ONDAS** da **WEB**

Em fase de testes, Rádio UFMG Educativa Montes Claros tem programação com música, entrevista, divulgação científica e atrações locais

Amanda Lelis

Vista panorâmica de Montes Claros: programação local também tem espaço na grade da emissora

Com música, entrevistas e divulgação científica, está no ar, em fase de testes, a Rádio UFMG Educativa Montes Claros. O acesso à programação se dá pela tela inicial do site do Instituto de Ciências Agrárias (ICA), por meio de um *pop up* (janela que abre no navegador da internet).

Resultado do projeto Ciência nas Ondas da Convergência, aprovado na chamada Fapemig 08/2015 – Programa Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia, da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), a webrádio foi planejada como espaço para o compartilhamento do conhecimento produzido na instituição e de atividades de caráter científico, tecnológico, extensionista e cultural.

O diretor do Instituto de Ciências Agrárias (ICA), Leonardo David Tuffi Santos, relata que o projeto representa mais um canal de interlocução com a sociedade. “Será um importante meio para divulgação daquilo que nossos estudantes desenvolvem no dia a dia, uma forma de estimular a sociedade a buscar esse conhecimento dentro da UFMG e uma oportunidade de divulgar na região a produção da emissora, além da nossa programação local.”

Ao longo do dia, a webrádio transmite, por *streaming* (pela internet), a programação da Rádio UFMG Educativa, parceria entre a Universidade e a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), operada há 13 anos pelo Centro de Comunicação (Cedecom) da UFMG. E também conta com programação

exclusiva, produzida especialmente no campus da UFMG no Norte de Minas. São dois programas: o *Norte da música*, com repertório regional, e o *Veredas da ciência: pesquisas e projetos do Norte de Minas*, de entrevistas com a comunidade acadêmica sobre resultados de pesquisas realizadas no campus. A programação local é transmitida das 5h às 8h, das 12h às 14h e das 16h às 20h.

De acordo com a diretora do Cedecom, Maria Céres Pimenta Spínola Castro, o lançamento da webrádio se configura como expansão das ações de comunicação da UFMG. “É importante darmos visibilidade ao que é produzido na Universidade, em seus diversos espaços e campi. A webrádio é um passo importante para ampliar nossas estratégias de comunicação e integração da comunidade universitária. É fundamental darmos conhecimento sobre o que fazemos. Essa é uma obrigação da comunicação institucional”, afirma Maria Céres

Veredas da ciência

Além da transmissão por *streaming*, a Rádio UFMG Educativa Montes Claros contará também com aba no site do Instituto de Ciências Agrárias, onde serão disponibilizadas, em formato *podcast*, arquivos em áudio que podem ser acessados pelo usuário a qualquer momento. O programa foi nomeado *Veredas da ciência*, e a cada semana será publicada uma nova matéria. Para a estreia, foram veiculadas as reportagens sobre projeto de pesquisa que estuda as relações entre o buriti

e condições do ambiente, visando à utilização da planta no ramo cosmético. Outra entrevista traz resultados de pesquisa que desenvolveu uma bebida láctea fermentada para combate à desnutrição infantil.

Outro projeto contemplado investigou os grandes empreendimentos que, nos últimos 15 anos, tentaram implantar nova fronteira minerária em Minas Gerais. Há também uma reportagem sobre a avaliação de qualidade das sementes de alface para a comercialização. Para as próximas edições do *Veredas da ciência*, já estão programadas entrevistas sobre os impactos das mudanças climáticas na Bacia do Rio Verde Grande, em Montes Claros, para os próximos 50 anos.

Veredas da ciência também focaliza resultados de pesquisas sobre a propagação de mudas de espécies nativas do cerrado mineiro, sobre a produção animal, sobre as cadeias produtivas do Mel de Aroeira e do Queijo da Serra Geral e sobre tecnologias de inteligência artificial utilizadas no planejamento florestal. “O esforço da UFMG para o lançamento da webrádio, que objetiva fortalecer as ações de divulgação científica, contou com a participação de uma equipe de especialistas de diferentes áreas do quadro do Cedecom, como jornalistas, técnicos em operações e publicitários”, destaca o jornalista Marcílio Lana, coordenador-executivo do Cedecom e coordenador do projeto.

[Matéria publicada no Portal UFMG em 5/11/2018]

QUESTIONÁRIO DO ENADE

Graduandos que farão o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) 2018 devem preencher o questionário do estudante até 21 de novembro. Só terão acesso aos locais de provas os alunos que realizarem o cadastro eletrônico. Esse passo e a realização da prova são requisitos para que os alunos dos cursos avaliados colem grau.

Neste ano, farão a prova os concluintes da UFMG dos cursos de Administração (campi Belo Horizonte e Montes Claros), Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Design, Direito, Gestão Pública, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Econômicas Internacionais e Turismo. A prova, que será aplicada no dia 25 deste mês, conterà 10 questões de formação geral (duas discursivas e oito de múltipla escolha) e 30 específicas da área de estudo (três discursivas e 27 de múltipla escolha). Mais informações estão disponíveis no portal do Enade (portal.inep.gov.br/web/guest/enade/).

PADRINHOS E MADRINHAS

Discentes, docentes e servidores técnico-administrativos que têm interesse em oferecer apoio aos estudantes e pesquisadores estrangeiros recém-chegados à UFMG podem se inscrever, on-line, até 2 de dezembro, no Programa de Apadrinhamento. O objetivo é contribuir para a recepção e acolhimento da comunidade internacional – os padrinhos e madrinhas se encarregarão de apresentar a UFMG e Belo Horizonte ao intercambista e auxiliá-lo na adaptação à cultura acadêmica.

Para participar, o interessado deve ter seu registro ativo na UFMG e disponibilidade para as atividades do programa em 2019. Não é necessário ser fluente em língua estrangeira. No segundo semestre de 2018, mais de 100 estudantes de países da África, Américas, Ásia e Europa foram recebidos pela UFMG por meio de acordos bilaterais e programas como Escala, Erasmus e Marca.

Mais informações, incluindo procedimentos para inscrição, estão disponíveis no edital do programa (<https://bit.ly/2Qon0Yp>).



Objetos e fotografias remetem à identidade negra trazida da África

ADORNOS EM RELEITURA

A exposição *Contas & balangandãs – a África que Minas não vê* está aberta à visitação, até 25 de novembro, no segundo andar da Biblioteca Central, campus Pampulha. O objetivo da mostra, que integra a agenda do Novembro Negro na UFMG, é promover conhecimento histórico-social, empoderamento e autoestima da mulher negra.

Por meio, sobretudo, de registros fotográficos, a mostra faz releitura dos adornos usados por mulheres negras em Minas Gerais desde o Brasil Colônia, como forma de afirmação da identidade trazida da África e de enfrentamento ao sistema escravocrata da época. O estilo único representado por esses adornos é adotado por mulheres brasileiras até hoje.

Com curadoria do projeto de extensão Cores de Minas, a exposição pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 22h. No mesmo espaço, há também uma pirâmide de livros sobre *Crianças negras na literatura*, organizada pelo Espaço de Leitura da Biblioteca Central.

INTERATIVO E ACESSÍVEL

O MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal, em Belo Horizonte, inaugurou em outubro o *Circuito acessível de expositores interativos pedras sabidas*. O conjunto possibilita a pessoas com deficiência manipular amostras de minerais do acervo. Pessoas com deficiência visual e baixa visão contam com áudios e imagens ampliadas; surdos dispõem de tradução para Libras e textos em português; para cadeirantes, há mobiliário adaptado.

O projeto resulta de convênio que uniu o museu, o grupo Graft/UFMG e o Instituto Politécnico de Bragança (Portugal), para pesquisa sobre tecnologia da informação em museus de alta complexidade. O circuito acessível foi viabilizado com recursos de prêmio do Programa Ibermuseus e de incentivo via Lei Rouanet. O Circuito Acessível Pedras Sabidas inspirou a elaboração de uma cartilha (mmgerdau.webmuseum.org/cartilha/) que tem o objetivo de contribuir para que outros museus executem projetos similares.

MÚSICA 'INDISCIPLINADA'

Neste mês, o pesquisador Denis Laborde, diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris, estará na UFMG como convidado do Programa Cátedras Fundep/leat. Ele vai realizar conferências sobre o estudo da música e sua relação com outros campos disciplinares. No dia 22 de novembro, às 14h, Laborde fará a exposição *Por uma ciência indisciplinada da música*, no auditório 1 da Face, campus Pampulha. Inscrições para a atividade podem ser feitas em formulário eletrônico (<https://goo.gl/forms/BGoON6kTx2MLYK5M2>).

Nos dias 28, 29 e 30, Laborde vai ministrar mais três conferências: *Uma ontologia das músicas do mundo*, *Música e urbanismo* e *As instituições culturais da alteridade e a questão dos imigrantes em Paris*. Denis Laborde ocupa, na EHESS, a cadeira de Antropologia Social e Etnologia e é responsável por estruturar uma rede internacional de pesquisa sobre festivais de música. Mais informações estão no site do leat (<https://bit.ly/2STGc24>).

MULHERES FORTES

Antropóloga mostra que, na vida do povo Maxakali, não há oposições de gênero e entre cotidiano e ritual – essas dimensões se complementam

Itamar Rigueira Jr.

Uma das atividades a que as mulheres do povo Tikmũ'ün, ou Maxakali, dedicam-se com mais intensidade está ligada à embaúba. Elas extraem a casca da planta, separam a fibra, produzem a linha e tecem colares, bolsas e redes de pesca. Mas o que pode parecer, à primeira vista, mais uma prática ordinária do cotidiano envolve mediação e interação com espíritos. As peças podem ser usadas para procedimentos xamânicos de cura e outros que visam ao bem-estar da comunidade. Esse é um dos atos femininos que, embora discretos, traduzem a força e o poder das mulheres desse povo.

As práticas e os saberes das mulheres Tikmũ'ün são objeto de pesquisa da antropóloga Claudia Magnani, que defendeu tese em agosto, no Programa de Pós-graduação em Educação. Segundo a pesquisadora, a principal contribuição de seu trabalho é desconstruir a dicotomia entre o que é ritual e o que é ordinário e entre os papéis de homens e mulheres. “Assim como todo o mundo cotidiano Tikmũ'ün, as atividades femininas têm pouco de ordinário. Há relações cosmológicas profundas e importantes que são reconhecidas e complementadas pelos homens da aldeia”, explica.

Fascinada pelo mundo feminino desde suas primeiras leituras sobre diferentes povos indígenas ameríndios, Claudia Magnani lembra que a etnografia é historicamente androcêntrica e valoriza temas clássicos como rituais, a caça e a guerra. As mulheres, segundo ela, ficam excluídas dos estudos, como se se limitassem aos cuidados com a casa, os filhos e a alimentação.

Em sua imersão na Aldeia Verde, localizada próximo ao município de Ladainha, no Vale do Mucuri, Claudia, que é italiana e cursou graduação e mestrado em Antropologia na Universidade de Bolonha, acompanhou as mulheres no dia a dia, muito marcado por visitas entre parentes, por exemplo. “Esse convívio, que se caracteriza pela comensalidade, é a expressão do trabalho sociopolítico de criar, manter e romper relações familiares e de grupos. Essas práticas envolvem também os espíritos. Não se pode separar a vida diária da dimensão ritual”, afirma a pesquisadora, que encontrou no trabalho com a embaúba o ambiente mais fértil para entrar em contato com as mulheres e tecer com elas suas relações em campo. A comunidade abriga 350 dos cerca de 2 mil indivíduos do povo Tikmũ'ün.



Claudia Magnani

Renata e Julinha, mãe e filha, raspam a casca da embaúba

Anfitriã e coorientadora

O primeiro contato de Claudia Magnani com os Maxakali foi no âmbito do Programa Saberes Indígenas na Escola, da Faculdade de Educação (FaE), que promove oficinas nas comunidades e produz material didático de alfabetização nas línguas nativas. Nos cerca de seis meses que passou na aldeia, distribuídos em três temporadas e mais algumas visitas curtas, Claudia teve como anfitriã Sueli Maxakali, ela própria pesquisadora, aluna da Formação Intercultural de Educadores Indígenas, da FaE, que assumiu o papel de coorientadora da investigação.

“Sueli e outras três mulheres contribuíram não apenas para favorecer a experiência de campo, mas também para as elaborações teóricas. Elas proveram reflexões, além de relatos”, revela Claudia Magnani. Segundo ela, certa etnologia promove hoje uma pesquisa mais colaborativa com os parceiros indígenas. “Eles transcendem o papel de informantes para se tornar pensadores e coprodutores do trabalho.”

As “mulheres fortes” (Ũn Ka'ok) que dão nome à tese são aquelas que medeiam as relações com os espíritos e detêm elas mesmas espíritos fortes. Embora o xamanismo seja difundido entre todos e todas, certos indivíduos destacam-se pela intensidade. “Algumas mulheres adquirem maior inteligência corporal, intelectual e espiritual. Elas dominam cantos, histórias, manipulação de substâncias e produção de artefatos e são capazes de intervir mais nos processos xamânicos e de cura”, conclui Claudia Magnani, que tem planos de continuar a colaborar com suas parceiras em futuros projetos de pesquisa.

Tese: *Ũn Ka'ok – Mulheres fortes: uma etnografia das práticas e saberes extra-ordinários das mulheres Tikmũ'ün – Maxakali*

Autora: Claudia Magnani

Orientadora: Ana Maria Rabelo Gomes

Coorientadora: Sueli Maxakali

Defesa em agosto de 2018, no Programa de Pós-graduação em Educação